Abel Salazar e a recepção do antigo Egipto

Primeiros passos de um projecto de investigação

José das Candeias Sales
Susana Mota

Abel Salazar (1889-1946) é considerado um dos maiores humanistas portugueses. Numa busca constante pelo saber, pelo entendimento do Homem e da sociedade humana nas suas múltiplas dimensões e com uma preocupação constante com a produção e divulgação de conhecimento como forma de transformação e de desenvolvimento da Humanidade, este Autor, com uma vasta produção científica no seu domínio de formação (Medicina), escreveu e muitas vezes publicou outros textos em domínios tão variados como a Psicologia, a Filosofia, a Sociologia, a História, a Ciência, a Teoria da História, a Religião, a Política, a Cultura e a Arte.

No âmbito do Projecto de Investigação, no domínio da recepção do antigo Egipto, intitulado «Egiptomania em Portugal – Caminhos da recepção do antigo Egipto em contexto português», que estamos a iniciar, pretendemos revisitar a sua vasta obra, contexto de múltiplas interconexões de diferentes áreas do saber e ideias, com a finalidade de identificar a presença e a influência, directa ou indirecta, da civilização do antigo Egipto no seu pensamento. Neste texto, além de traçarmos uma panorâmica sobre os elementos mais marcantes da sua existência, faremos uma incursão exploratória, no seu espólio de manuscritos, fornecendo alguns exemplos ilustrativos da forma como Abel Salazar recebeu, re-imaginou e adaptou a civilização e a cultura dos tempos faraónicos.

Abel Salazar and the Reception of Ancient Egypt. First Steps of a Research Project

Abel Salazar (1889-1946) is considered one of Portugal's greatest humanists. In a constant search for knowledge, for an understanding of Man and human society in its multiple dimensions and with a constant concern for the production and dissemination of knowledge as a mean of transforming and developing Humanity, this Author, with a vast scientific output in his field of training (Medicine), wrote and often published other texts in fields as varied as Psychology, Philosophy, Sociology, History and the Science and Theory of History, Religion, Politics, Culture and Art.

Within the framework of the research project on the reception of ancient Egypt, entitled «Egiptomania em Portugal– Caminhos da recepção do antigo Egipto em contexto português» which we are starting, we intend to revisit his vast oeuvre, a context of multiple interconnections of different areas of knowledge and ideas, with the aim of identifying the presence and influence, direct or indirect, of the civilization of ancient Egypt in his thought. In this text, besides giving an overview of the most striking elements of his life, we will make an exploratory incursion into his collection of manuscripts, providing some illustrative examples of the way in which Abel Salazar related to the civilization and culture of Pharaonic times.

Palavras-chave: cultura, egiptomania, Egiptologia, manuscritos.

Keywords: culture, Egyptomania, Egyptology, manuscripts.

Entre o início de 2016 e o primeiro semestre de 2023 desenvolvemos o projeto *Tutankhamon em Portugal. Relatos na imprensa portuguesa (1922-1939)*, no âmbito do qual reunimos e analisámos as notícias publicadas em Portugal sobre a descoberta e

TdE 14 (2024) — Páginas 1-24
Fecha de recepción: 13 de agosto de 2024 — Fecha de aceptación: 30 de noviembre de 2024
José das Candeias Sales — Jose.Sales@uab.pt
Centro de Estudos Globais da Universidade Aberta, Lisboa
ORCID: 0000-0003-1087-1478
Susana Mota — susana.mota@uab.pt
Centro de Estudos Globais da Universidade Aberta, Lisboa
ORCID: 0000-0002-4819-6239
DOI

escavação do túmulo do faraó Tutankhamon[1]. Durante este processo, foram variados os exemplos de produções inspiradas pelo antigo Egipto em Portugal que fomos identificando e sinalizando, mas que arquivámos, sem tratamento aprofundado, com vista a uma fase posterior, porque não estavam directamente relacionados com as finalidades gerais e específicas traçadas para o Projecto então em curso.

Desde logo, porém, ficou a segura percepção que os materiais com que nos confrontávamos, genericamente englobáveis na área de estudos da recepção do antigo Egipto e da Egiptomania em Portugal, permitiriam desenhar um novo projecto de investigação, com o objectivo de proceder à estruturação e análise desses outros materiais, tanto mais que a detectada influência da civilização do antigo Egipto em Portugal, expressa nos mais diversos domínios, não está, até hoje, devidamente identificada, catalogada e analisada.

Desta forma, nasceu o nosso actual Projecto de Investigação, *Egiptomania em Portugal: Caminhos da recepção do antigo Egipto em contexto português*, em linha, por um lado, com a percepção da existência efectiva de diferentes expressões e manifestações de recepção do antigo Egipto em Portugal e, por outro, com a consciência dessa ausência de um conhecimento alargado e tratamento aprofundado efectivo destas expressões e manifestações.

Com o objectivo geral de identificar, recolher e tratar vários exemplos da recepção do antigo Egipto em contexto português, produzidos por portugueses, o Projecto foca-se geograficamente em Portugal Continental e nas Regiões Autónomas da Madeira e dos Açores, considerando temporalmente os séculos XIX-XXI. É importante realçar que, neste momento, estamos ainda numa fase eminentemente exploratória, que se tem revelado, todavia, particularmente fecunda, o que tem reforçado, ainda mais, a determinação de avançar para a tarefa de identificar, estudar e dar a conhecer a presença e adaptação da civilização do antigo Egipto em Portugal nas suas várias expressões e manifestações, validando, dessa forma, a sua relevância e contributo para os estudos da recepção do antigo Egipto em Portugal.

1| Abel Salazar – um singular humanista português (meados do séc. XX)

Um dos exemplos mais significativos já identificado no âmbito do novo Projecto é Abel Salazar, brilhante e invulgar homem da Ciência e das Artes, um dos maiores humanistas portugueses, que, como veremos, em alguns dos seus trabalhos se inspirou na civilização e na cultura dos tempos faraónicos que recebeu, analisou e adaptou à luz das suas concepções e preocupações político-sociais-culturais (fig. 1).

Os trabalhos biográficos existentes sobre Abel Salazar permitem traçar um panorama globalmente muito consistente sobre a sua vida e obra. Embora o uso do termo *humanista* seja cómodo e comummente utilizado para o caracterizar, não se pode, com rigor, afirmar que se trata de uma personagem fácil de definir face à diversidade e heterogeneidade de componentes do seu percurso científico, académico e de cidadania[2].

Na realidade, são múltiplas as expressões que têm sido usadas para o descrever, nas suas multifacetadas e polimórficas dimensões: médico, cientista, investigador e professor; prosador, filósofo e divulgador de ciência e de

1 Ver a publicação final resultante deste Projecto em Sales, Mota 2024, disponível em https://indd.adobe.com/view/9f59405d-0ebc-430c-b1d7-97d900a6f5f3. Vide também https://tutankhamon-em-portugal.mozello.com/.

2 Silva, Guimarães, Fernandes 2010; https://web.archive.org/web/20150414010807/http://cmas.up.pt/index.php?id=116 (consultado em 15/06/2024).



Figura 1. Abel Salazar (1889-1946).
© Domínio Público

doutrinas e ideais progressistas; racionalista e positivista; republicano, maçon, agnóstico e anticlerical; tendencialmente de esquerda, mas anticomunista; artista plástico, ensaísta, historiador e crítico de arte; cidadão politicamente empenhado, democrata enérgico; defensor das ideias democráticas e humanistas, anti-fascista e anti-salazarista (aqui por referência ao Chefe de Estado português seu contemporâneo e homónimo, nascido no mesmo ano, António de Oliveira Salazar).

A originalidade, o rigor, a transversalidade e o cruzamento de experiências, ligando, religando e potenciando a cultura científica e a cultura humanística e artística, numa visão orgânica do mundo, de que a dimensão cívica é também indissociável, são marcas da vida e da obra de Abel Salazar[3]. O seu nome deixou indelével registo no domínio dos temas sociais e filosóficos (defendendo ideais progressistas), dos políticos (assumidamente anti-fascista), dos biológicos e psicológicos, dos estéticos e literários, assim como no da produção artística[4]. Além de artista plástico (nomeadamente, como pintor e escultor), Abel Salazar destaca-se pelas suas reflexões teóricas, em campos tão distintos como a ciência, a arte e a filosofia. O corpo de saber que abrangeu e com que se comprometeu é deveras singular, a que se junta a divulgação cultural desses saberes que assumiu como um imperativo de consciência, como um desígnio obrigatório do intelectual[5].

Acima de tudo, claramente, Abel Salazar foi um intelectual de elevado recorte, em quem conflui, de forma surpreendente e excepcional, essa dimensão de teorização, de experimentação e de trabalho aplicado multidisciplinar/interdisciplinar/transdisciplinar. Ao mesmo tempo, denotou um poderoso compromisso de intervenção cívica, actuante, transformadora, empenhada, pondo em causa estereótipos e ideias dominantes.

Abel de Lima Salazar nasceu a 19 de Julho de 1889 na cidade de Guimarães, no norte de Portugal, onde completou a escola primária e fez uma parte dos estudos liceais no Seminário-Liceu local, onde foi aluno distinto e premiado[6]. Aos 14 anos (1903) mudou-se para a cidade do Porto, onde foi estudar no Liceu Central, em S. Bento da Vitória, e onde viveria a maior parte da sua vida. Sensível ao espírito republicano e democrático, o mesmo é dizer à política de início do século XX em

3 Grande, Fernandes 2002: 103.

4 Grande, Fernandes 2002: 104; Alves 2010.

5 Cunha 1997: 9; Grande, Fernandes 2002: 103, 104, 109.

6 Cunha 1997: 17–24.

Portugal, publica com outros colegas do Liceu o jornal escolar *O Arquivo*, de pendor republicano, onde se reflectiam já as suas preferências pelos ideais revolucionários, bem como as suas aptidões artísticas ao caricaturar colegas e professores[7].

Em 1909, com 20 anos de idade, depois de ter frequentado a Academia Politécnica do Porto (1907 e 1908), ingressou na Escola Médico-Cirúrgica do Porto (depois Faculdade de Medicina), provavelmente por influência familiar, onde, em 1915, terminou a formação como médico, com a tese genericamente intitulada *Ensaio de Psicologia Filosófica* (386 pp.), classificada com 20 valores, aos 26 anos de idade[8]. Depois de ter sido nomeado 2.º assistente provisório de Anatomia Patológica (1914) e 1.º assistente provisório de Medicina (1915), é contratado para reger a cadeira de Histologia (1916) e nomeado professor extraordinário de Histologia e Fisiologia (1917). Foi, depois, por deliberação do Conselho Escolar, provido no lugar de professor ordinário (1918)[9]. Em 1919, com apenas 30 anos, é nomeado Professor Catedrático de Histologia e Embriologia, fundando e dinamizando o Instituto de Histologia e Embriologia da Faculdade de Medicina do Porto.

Neste centro, como investigador, não obstante a irrisória dotação financeira de que dispunha, conferida pelo Senado da Universidade do Porto, leva a cabo brilhantes trabalhos de investigação. É aí que, como histologista, desenvolve o célebre Método Tanoférrico, por si inventado e sistematizado: um sistema focado na observação microscópica de estruturas biológicas que permitia, pelo uso do ferro, identificar e colorir as proteínas e, assim, identificar o modo como os folículos dos ovários de várias categorias degeneravam ou evoluíam[10].

Foi também Abel Salazar que descobriu o aparelho Para-Golgi demonstrado nos mais variados tipos de células: células intersticiais do ovário, ovócitos, espermatócitos, leucócitos, células nervosas e fibra muscular estriada. Além da extensa caracterização dos tecidos do ovário (da coelha), o seu trabalho denota uma forte componente metodológica, seja pelo desenvolvimento dos procedimentos de coloração de estruturas biológicos propriamente ditos, seja pelos vários trabalhos de reflexão acerca do próprio processo do desenho microscópico ou desenho histológico[11].

Como professor seguiu uma orientação pedagógica inovadora, diferente da maioria dos seus colegas, defendendo um «ensino aberto», apoiado na observação, na investigação e na discussão científica. Advogava a redução ao mínimo da intervenção do professor na aprendizagem, estimulando a inquietação científica, o espírito crítico e o autodidactismo dos seus estudantes (na linha das ideias pedagógicas de Herbert Spencer, Francisco Ferrer Guardia e Pedro Kropotkine). Foi, neste sentido, um pedagogo ousado, progressista e democratizante[12].

Entre 1919 e 1925, o seu trabalho de investigação médica tornou-se conhecido internacionalmente, participando em congressos e visitas a vários estabelecimentos científicos na Europa e publicando centenas de trabalhos científicos (exactamente cento e treze)[13], de

7 Cunha 1990a: 87; Cunha 1997: 29, 31, 39; Milheiras 2007/2008: 32.

8 Salazar 1915; Milheiras 2007/2008: 16. Mais tarde, Abel Salazar confessaria à sua irmã Dulce Salazar que o seu desejo era licenciar-se em Engenharia Civil. Vide Cunha 1997: 69; Ribeiro 2005: 204–223.

9 Silva, Guimarães, Fernandes 2010: 151–153.

10 Cunha 1997.

11 Cunha 1997.

12 Cunha 1997: 151–153; Ribeiro 2005: 198; Milheiras 2007/2008: 16–17, 20, 67, 68.

13 Milheiras 2007/2008: 15, 65.

marcada originalidade, em numerosas revistas científicas internacionais, resultado das suas investigações nas áreas do aparelho de Golgi e Para-Golgi, do ovário, da técnica de desenho microscópico e da anatomia do cérebro, entre outros temas[14]. A ele se deve igualmente, com Marck Athias e Augusto Pires Celestino da Costa, a fundação dos Arquivos Portugueses de Ciências Biológicas, que chegou a dirigir[15].

Depois de 10 intensos anos de notável trabalho em condições particularmente adversas, sofre um esgotamento (em 1926) e é internado, de 1928 a 1930, na Casa de Saúde de São João de Deus, em Barcelos. Passou, então, a dedicar-se às Artes. Escreveu livros e elaborou mais de 200 desenhos, entre esboços e estudos para quadros[16].

Em 1931, quando regressa à sua Faculdade, impulsiona novamente o laboratório e o Instituto que fundara e que encontrara desmantelado, em estado de calamitoso abandono e desprovido da sua biblioteca, absorvida pela secção de Anatomia da Faculdade[17]. Ainda assim, participou em dois «Congressos dos Anatomistas» (em 1932, em Nancy, e, em 1933, em Lisboa) e escreveu várias obras e artigos de índole científica, nomeadamente na revista *Medicina* dos Estudantes de Medicina de Lisboa.

Em 1932, Abel Salazar desenvolve grande actividade associativa e pedagógica ligada à juventude, regendo, por exemplo, um Curso de Filosofia da Arte (que se estenderá até 1933) na Associação Profissional dos Estudantes de Medicina do Porto e de Lisboa e no Centro Académico Republicano de Coimbra, entre outras, que lhe criará dificuldades não só em termos políticos, como também profissionais, por parte de muitos dos seus colegas mais afectos ao regime ditatorial português da época. A sua filiação na Maçonaria, em 1933, ingressando na loja «Lux et Vita» do Grande Oriente Lusitano, no Porto, também contribuiu para a maior pressão e controlo que sobre ele passaram a incidir[18].

Com dificuldade em aceitar as limitações que lhe são impostas, em 1934 foi mandado para Paris, com uma bolsa de estudo, num exílio disfarçado. Aí trabalha durante uns meses com Christian Champy (1885-1962), professor na Faculdade de Medicina de Paris, pioneiro da histofisiologia e da endocrinologia sexual[19]. Participou e conviveu com gente ligada às artes, às ciências e à filosofia; militou em actividades antifascistas na Union Rationaliste e na Internationale des Travailleurs de l'Enseignement e subscreveu um manifesto contra a ditadura e as prisões em Portugal. Interessar-se-á também pelas actividades do Centre de Synthèse, dirigido por Henri Berr, que juntava sábios de todas as áreas do conhecimento numa perspectiva que se queria unitária[20].

A situação política de Portugal agravara-se com a instauração do Estado Novo, em 1933, e, em 1935, já depois de ter tomado parte em

14 Mesmo que hoje, no domínio da histologia, muitas das suas conclusões estejam ultrapassadas, elas faziam todo o sentido quando foram produzidas e propostas e revelam a enorme capacidade do Autor para se envolver nos debates científicos da época e de, em consequência, propor explicações então consideradas válidas.

15 Milheiras 2007/2008: 101.

16 Silva, Guimarães, Fernandes 2010: 155, 156; Coimbra 2006.

17 Cunha 1997: 173.

18 Cunha 1997: 254–255; Silva, Guimarães, Fernandes 2010: 157, 158; Mendes 2016: 28.

19 O exílio parisiense de A. Salazar, a partir de 7 de Março de 1934, é visto como determinado por duas razões: a ofensiva insultuosa e impune de que fora vítima por parte de uma certa imprensa portuguesa de extrema-direita, por um lado, o despeito, a inveja e acção manipuladora de alguns dos académicos seus colegas de Faculdade, por outro, e a oportunidade de trabalhar com o prestigiado anatomista francês, que, no ano anterior, estivera em Lisboa, num congresso internacional da especialidade, por outro ainda (Cunha 1997: 306).

20 Milheiras 2007/2008: 47; Príncipe 2022.

manifestações em Paris, opondo-se à ditadura fascista vigente da qual era abertamente crítico, acabou por ser expulso da Faculdade de Medicina da Universidade do Porto[21]. Aos 46 anos, o Prof. Abel Salazar é afastado da cátedra, do laboratório e da biblioteca da sua Faculdade a pretexto da sua acção pedagógica exercer uma influência deletéria sobre a mocidade universitária[22]. De igual modo, ficava proibido de se ausentar do país, mesmo que a convite de instituições estrangeiras. A demissão retirou-o, pois, do convívio directo com os seus alunos e cortou-lhe a possibilidade de continuar a sua investigação científica, quer em Portugal quer no estrangeiro.

Abel Salazar escreverá no seu curriculum:

> Além dos trabalhos científicos fiz na Universidade cursos sobre a Filosofia da Arte, conferências sobre a Filosofia, onde desenvolvi um sistema de Filosofia que acabo de constatar com satisfação ser bastante próximo da Escola de Viena. Foi o desenvolvimento deste sistema filosófico que, tendo desagradado à Ditadura e ao Catolicismo, foi a causa principal da minha revogação. Mas, como a ditadura não se podia basear nesta questão, ela torneou a questão, fazendo através da sua imprensa uma campanha de difamação, etc., após a qual me demitiu sem processo nem julgamento (...). Esclareço que nunca fui político, toda a minha vida me ocupei unicamente da actividade intelectual[23].

Este afastamento da vida académica, do ensino universitário e da investigação científica de índole política acabou por potenciar o desenvolvimento de actividades que Abel Salazar antes já desenvolvia em paralelo, com grande qualidade[24], designadamente a artística e a literária, mas às quais, a partir de então, se pôde dedicar com mais tempo e maior profundidade, readaptando-se e reinventando-se como cidadão e homem de cultura. No período decorrente entre a sua demissão e a sua reintegração, em 1941, a actividade artística, literária e filosófica de Abel Salazar é deveras fecunda[25].

É de referir, de facto, a sua acção como artista plástico e crítico de arte, com assinalável produção nas áreas do desenho, da gravura, da pintura mural, da pintura a pastel, da pintura a óleo de retratos e de paisagens, nas aguarelas, nas caricaturas, na escultura (barro e bronze) e nos originais pratos de cobres martelados/ repuxados, com patines e contra-patines a fogo, muita dela hoje exposta na Casa-Museu Abel Salazar, posteriormente criada, mas também no Museu do Abade de Baçal, em Bragança, e no Centro de Arte Moderna da Fundação Calouste Gulbenkian, em Lisboa[26].

> Como autodidacta amador, a maioria das suas obras plásticas (e já foram identificadas mais de duas mil peças), de enorme liberdade criativa, espontaneidade e até pioneirismo, estruturam-se sem a estrita, tradicional e canónica obediência a escolas ou correntes artísticas ou estéticas, embora com reconhecidas marcas naturalistas, humanistas e de análise/ crítica social, precursoras do neorrealismo na pintura portuguesa[27]. Neste aspecto, destaca-se a relevância que atribui às cenas do quotidiano (valores do trabalho) e, sobretudo, à presença da mulher (portuguesa e parisiense), em contextos rurais e urbanos (dois mundos distintos: o da mulher que trabalha e o da mulher ociosa), que aproveita para denunciar a opressão e a injustiça social de que eram vítimas[28].

Em 1938, Abel Salazar realizou Exposições no Porto e em Lisboa (em Novembro de 1938, nesta mostra, na Sociedade de Belas Artes, expôs 304 quadros). Em 1940, volta a fazer uma exposição retrospectiva nas duas cidades, granjeando um amplo reconhecimento e prestígio junto do público (sobretudo em 1938) pelo seu talento artístico e mestria técnica como artista plástico, ainda hoje bem patente nas suas obras[29]. Na sua vertente de crítico de arte elaborou, entre outros, exaustivos estudos sobre os artistas plásticos Henrique Pousão, Soares dos Reis e Columbano Bordalo Pinheiro[30]. Além da obra plástica de sua autoria, produziu igualmente, como já mencionámos, uma significativa obra teórica, onde convergem arte, ciência e filosofia e se revela um singular e ímpar corpo de saberes.

Em termos literários, escreveu múltiplos artigos em jornais e revistas, de zonas geograficamente dispersas, sob diversas temáticas de diferentes áreas do saber como Psicologia, Filosofia, Sociologia, História, Ciência e Teoria da História, Religião, Política, Cultura... (exs.: O Diabo, Sol Nascente, Seara Nova, O Trabalho, Esfera, Pensamento, Voz da Justiça, A Ideia Livre)[31], tendo, como prosador, redigido crónicas do tempo passado no exílio parisiense. Entre os seus livros, registem-se *Uma Primavera em Itália* (1934), *Paris em 1934* (1938), *O que é a Arte* (1940), *A crise na Europa* (1942) e *Um estio na Alemanha* (1944)[32].

Em 1941, num período de alguma abertura do regime, é reintegrado na Universidade do Porto por Mário de Figueiredo, então Ministro da Educação Nacional. É colocado na Faculdade de Farmácia e aí cria, por sugestão desse Ministro, o modesto Centro de Estudos Microscópicos, um dos Centros do Instituto de Alta Cultura onde continua a realizar a sua investigação. Apesar das evidentes restrições financeiras e materiais, conseguiu prosseguir a sua investigação. A partir de 1942 cooperou com o Instituto Português de Oncologia, vindo a publicar um apreciável número de trabalhos científicos no Arquivo de Patologia Pública[33]. Em 1944 publica um trabalho sobre Hematologia intitulado *Hematologia – Ideias e Factos Novos*[34].

Quando, logo em 1945, Abel Salazar se tornou um activo militante do Movimento de Unidade Democrática, organização política de oposição ao regime salazarista, durante as malogradas eleições desse ano, o Centro de Estudos Microscópicos, por retaliação, deixa

21 Com a instauração da Ditadura Militar (1926) e, posteriormente, do Estado Novo (1933), apertou-se o controlo do Estado sobre as universidades portuguesas, que, aliás, iria manter-se ao longo das décadas seguintes, praticamente até ao 25 de Abril de 1974.

22 Santos 1997: 8. Fernandes 1998: 103.

23 Silva, Guimarães, Fernandes 2010: 10.

24 Já em 1915, Abel Salazar participara com dezenas de *croquis* na Exposição de Humoristas e Modernistas, realizada no Salão Passos Manuel, no Porto, na qual também participaram Almada Negreiros, Jorge Barradas, Cristiano Cruz, Stuart de Carvalhais, entre outros nomes da chamada primeira geração de modernistas portugueses. Em 1922 e 1924, realizara também exposições no Porto (com Cerqueira Machado, seu companheiro de infância) e em Lisboa, na Sociedade Nacional de Belas Artes, respectivamente (Cunha 1997: 157; Milheiras 2007/2008: 22, 23; Silva, Guimarães, Fernandes 2010: 154).

25 Cunha 1997: 357.

26 Malpique 1977: 294; Milheiras 2007/2008: 24; Silva 1989a; 1989b.

27 Malpique 1977: 325; Grande, Fernandes 2002: 106.

28 Cunha 1997: 396, 397; Nunes 2021.

29 Cunha 1997: 395, 402; Milheiras 2007/2008: 26–31, Nunes 2021: 19.

30 Grande, Fernandes 2002: 105.

31 Vide extensa lista de Jornais e Revistas com que Abel Salazar colaborou em http://cvc.instituto-camoes.pt/figuras/abelsalazar.html (consultado em 15/06/2024, 11,39). Vide também Cunha 1997: 12, 13, 359, 360; Grande, Fernandes 2002: 104–109; Milheiras 2007/2008: 78–86 e 96–98; Silva, Guimarães, Fernandes 2010: 176.

32 Vide a extensa bibliografia dos trabalhos de Abel Salazar em Ribeiro 2005, pp. 272–277. Vide também Milheiras 2007/2008: 61–64, 70–95; Valente 2014.

33 Silva, Guimarães, Fernandes 2010: 162.

34 Ribeiro 2005: 277.

de ter verbas para o seu funcionamento, passando a existir apenas nominalmente[35].

Abel Salazar faleceu em Lisboa, onde se estava a tratar de doença oncológica, a 29 de Dezembro de 1946, com 57 anos. A sua morte transformou-se, ao mesmo tempo, num momento de contestação ao regime e numa imensa e invulgar manifestação de luto. A notícia do seu falecimento abalou a sociedade portuguesa: na viagem entre Lisboa e o Porto, há homenagens em Vila Franca de Xira, Caldas da Rainha, Alcobaça e Leiria. Mesmo com as manobras da PIDE, que desvia o cortejo para a Figueira da Foz, para evitar que entrasse em Coimbra, o corpo chega, noite escura, ao Porto[36]. No dia 1 de Janeiro de 1947, depois de várias peripécias envolvendo o corpo do intelectual (depositado na noite anterior na capela do cemitério) e o seu velório, sem corpo, na Associação dos Jornalistas e Homens de Letras do Porto, milhares de pessoas desfilaram perante o seu corpo em câmara ardente e acompanharam o cortejo fúnebre no cemitério do Prado do Repouso. O caixão foi carregado aos ombros de cidadãos anónimos, que, de dez em dez passos, eram rendidos. A população saiu literalmente à rua para honrar o anti-fascista e um dos mais invulgares homens da Ciência e da Arte portuguesas do século XX e nem mesmo a proibição de discursos e o férreo controle da PIDE impediu que, no cemitério, alguns tomassem a palavra para honrar e homenagear o grande humanista português (fig. 2).

Logo em 1957, foi criada a Fundação Abel Salazar, com o objectivo de preservar e divulgar a sua valiosa e diversificada obra artística. Em 1965, com o apoio da Fundação Calouste Gulbenkian, a casa onde residiu durante mais de 30 anos, na Quinta da Devesa, em São Mamede de Infesta (Matosinhos), foi adquirida com todo o seu recheio e convertida num museu que alberga o seu espólio. A mesma Fundação patrocinou as obras de restauro da Casa-Museu e construiu um pavilhão de exposições, tendo doado o espólio à Universidade do Porto, em 1975, e, desde 1989, essa Casa-Museu está integrada na rede portuguesa de museus[37].

Independentemente do tanto que fez, produziu, investigou, o próprio terá afirmado que toda a sua vida se ocupara unicamente da atividade intelectual e que se considerava, por isso, acima de tudo, um pensador!

2| Abel Salazar e a civilização do antigo Egipto

Graças aos arquivos da Casa-Museu Abel Salazar disponibilizados *online*, identificámos uma colecção de documentos manuscritos nos quais foi possível perceber que, no conjunto variado de interesses de Abel Salazar, se pode listar a civilização do antigo Egipto. Pese embora o facto de o processo de análise estar ainda na sua fase inicial, a documentação reunida permite intuir a forma ampla, diversa, sustentada e até muito criativa como o Humanista recebeu, analisou e adaptou esta civilização, tanto no que respeita à sua história como sociedade, cultura e arte. Para ilustrar esta amplitude da presença do antigo Egipto nos trabalhos do autor, seleccionámos

35 Silva, Guimarães, Fernandes 2010: 163. O Movimento de Unidade Democrática (MUD), criado em Outubro de 1945, foi uma organização política de oposição ao regime salazarista (Vilaça 1998).

36 Malpique 1977: 36.

37 O espólio de Abel Salazar encontra-se disponível online, em resultado de um projecto conjunto entre a Casa-Museu Abel Salazar e a Fundação Mário Soares: http://casacomum.org/cc/arquivos?set=e_2839. Trata-se de um conjunto documental estimado em cerca de 14 398 imagens, repartidas por 413 pastas temáticas, num total aproximado de 3000 registos, repartidos por arte (830), correspondência (617), documentos (782), fotografias (778) e imprensa (20). Vide também https://arquivos.rtp.pt/conteudos/a-casa-museu-abel-salazar/, https://www.rtp.pt/play/p4530/e343052/visita-guiada e https://www.up.pt/casacomum/eventos/visita-virtual-a-casa-museu-abel-salazar/.



Figura 2. Multidão no funeral de Abel Salazar no Cemitério do Prado Repouso, Porto.
© FMSMB / Arquivo Abel Salazar/CMAS

na documentação já identificada um conjunto de textos, de diferentes naturezas, que atestam, de forma clara e expressiva, a recepção do antigo Egipto pela mão de Abel Salazar.

Um dos exemplos mais visível da forma como Abel Salazar reutilizou a influência da civilização do antigo Egipto é o recurso ao nome de divindades egípcias. Tal constata-se num documento, com a indicação de autoria «por Thot», como se fosse um pseudónimo (Pasta: 05378.04638), e noutro, que aparenta ser um planeamento do Autor para um «Projecto de Secção», que se intitula «Seth» – escrito em letras garrafais (Pasta: 05393.00939; figs. 3 e 4).

Em ambos os casos, estamos perante duas divindades do antigo Egipto, grafadas de forma latinizada: o primeiro, o deus egípcio da sabedoria e da escrita e, o segundo, o deus egípcio maligno, da esterilidade, da desordem e da perturbação. No primeiro documento, uma proposta de reflexão sobre o sentimento religioso, que Abel Salazar considerava ser inato, inerente à estrutura psicossomática

38 http://casacomum.org/cc/visualizador?pasta=05378.046.

39 http://casacomum.org/cc/visualizador?pasta=05393.009.

do ser humano e, por isso, imperecível, é assinada sob um pseudónimo, como se Abel Salazar fosse o antigo deus egípcio do conhecimento e, dessa forma, num acrescido argumento de autoridade-divindade, pudesse dissertar melhor sobre a dimensão religiosa da Humanidade.

No segundo, além do registo «Maquete para uma Folha avulsa de Combate ao Filosofismo, [**] e Inefáveis por um grupo de filhos de Seth»[40], mesmo no topo e à direita da p. 1, qual cabeçalho, surgem também, à direita, frases-títulos como «Sentenças de Seth!»; «Assim dizia out'ora Seth», «Duêto de Seth com o Demonio», Os [**] d'Amon» e «A generosidade de Râ». Parece evidente que estas 'ideias soltas' anotadas estivessem relacionadas com a intenção, que revela numa carta a um seu amigo, Jaime Brasil, de fundar, em palavras suas: «uma folha de combate que se chamaria 'Seth', nome egípcio do diabo, folha reduzida à expressão mais simples, uma verdadeira folha volante (...)»[41]. A finalidade deste pretendido panfleto é revelada claramente ao amigo escritor e jornalista, de convicções libertárias e anarquistas, com mais pormenores:

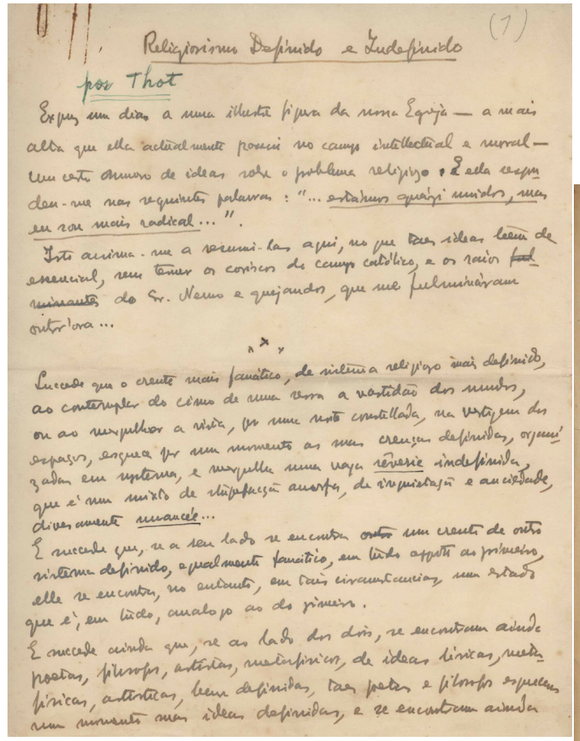
> Temos de unir os nossos esforços para entrar em combate com os vícios da feira intelectual portugueza, os quais são dominados pela vigarice mais ou menos camouflé e pelo pedantismo.(...) Combate ao Lugar-Comum; às Coisas sem sentido; à Retórica de todos os tipos, catedrática, académica, de fundo de jornal (...); ao Filosofismo (...) Pôr, enfim, a calva à mostra a todo o cabotinismo (...) e muchas cosas más. Com mil demónios[42].

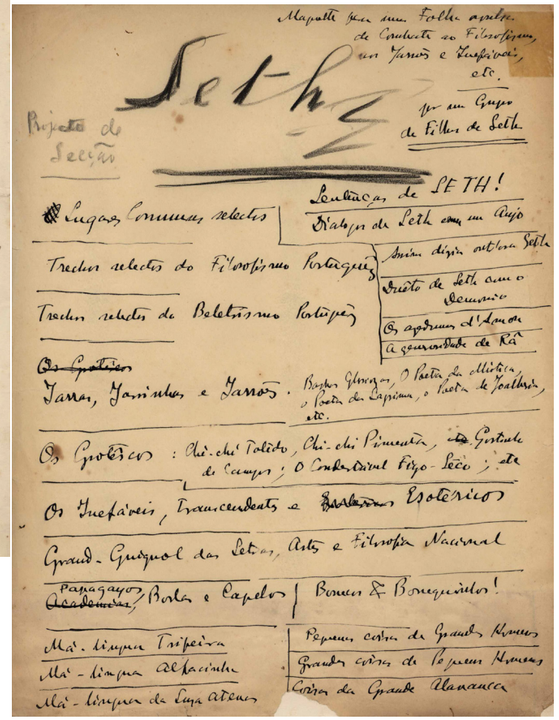
A opção pela onomástica divina egípcia para a folha de combate parece repleta de intencionalidade e até urgência: perturbar, agitar, desordenar a monolítica, fechada e castrante ambiência cultural vigente em Portugal. Ao mesmo tempo, como a parte final da carta também deixa transparecer, enfatiza-se a dimensão cívica e ética que o intelectual deve desenvolver e que se alinha com a filosofia existencial de Abel Salazar: «O mal não está nas elites; está nos poucos que criam e manteem as pseudo-elites; e este mal é terrível. Sobretudo quando as elites se esquecem de que toda a vida intelectual tem de ter por base uma ética, sem a qual tal vida é a mais horrível das coisas»[43].

Nestes documentos estamos, digamos assim, perante algo expectável em relação aos nomes dos deuses egípcios (Tot, Set, Amon e Ré) e das suas principais características ou atributos ao alcance de qualquer interessado. Ainda assim, Abel Salazar revela uma capacidade e sagacidade de os mobilizar de acordo com os seus interesses intelectuais, cívicos e políticos. Leitores menos familiarizados com a história mitológica egípcia não captariam o alcance mais profundo dos seus apontamentos sob a égide destes nomes esquisitos ao serviço dos propósitos sérios do Autor de intervenção social crítica. Não há, todavia, qualquer evidência que tal «Folha avulsa de Combate» tenha alguma vez sido editada.

Há, porém, mais exemplos entre os documentos manuscritos de Abel Salazar onde o conhecimento sobre a religião e mentalidade dos antigos Egípcios é perceptível e convocado. Escreve ele, num documento de uma página, sem título, aparentemente uma página perdida pertencente a um texto

40 [**] - ilegível no original.
41 Silva, Guimarães, Fernandes 2010: 86.
42 Silva, Guimarães, Fernandes 2010: 86.
43 Silva, Guimarães, Fernandes 2010: 86.


Religiosismo Definido e Indefinido (7)
por Thot


Maquette para uma Folha avulsa de Combate ao Filosofismo, aos Jesuítas e Inefáveis, etc.
Seth
por um Grupo de Filhos de Seth
Projecto de Secção
Sentenças de SETH!
Trechos selectos do Filosofismo Portuguez
Trechos selectos do Bolchevismo Portuguez
Assim dizia out'ora Seth
Duêto de Seth com o Demonio
Os agrados d'Amon
A generosidade de Râ
Os Grotescos
Os Inefáveis, Transcendentes e Esotéricos
Grand-Guignol das Letras, Artes e Filosofia Nacional
Papagaios Académicos / Burlas e Papelões
Bonzos & Bonzerrões!
Mal-limpos Tripeiros
Mal-limpos Alfacinhas
Mal-limpos de Lugar Comum
Pequenos cotas de Grandes Homens
Grandes cotas de Pequenos Homens
Cotas da Grande Alamanca

Figuras 3 e 4. Pasta: 05378.046 (página inicial do documento manuscrito com os títulos «Religiosismo Definido e Indefinido» por «Thot») e Pasta: 05393.009 (página inicial com alusões a «Seth»).
© FMSMB / Arquivo Abel Salazar/CMAS

maior (Pasta: 05381.020)[44], no qual podemos encontrar considerações filosóficas acerca da morte:

> A estupefação do homem perante a morte... em torno della gira quasi toda a vida intellectual e emotiva do egípcio. E o egípcio finda por vencê-la, criando-se a ilusão do «duplo», da múmia, do zet e do Ka, toda a sua mitologia, as suas lendas e mitos, os seus ritos, são um esforço exasperado por perdurar; e d'imaginar a ressurreição d'Osíris, e de tornar extensível a osirificação a todo o pôvo, ergue na apotheose rósea do valle do Nilo o esforço titânico dos seus granitos, dos seus templos gigantes, feitos na obsessão de vencer os séculos. (...).

44 http://casacomum.org/cc/visualizador?pasta=05381.020.

> E o egípcio compreendendo que um dos [**] da morte é d'ordem esthetica, compreendendo a infelicidade na qualidade da materia que faz a putrefação hedionda do cadaver e o rictus macabro da caveira, o egípcio compreendendo que a morte seria mais suportável se fosse mais bella, finda por enobrece-l'a, por esmalta-l'a, embalsama-l'a, perfuma-l'a, e do hediondo fazer numa obra d'arte.
>
> A morte, é em volta d'ella que gira toda a vida egípcia; por ella vão em guerra os Faraós para a Lybia, para Arabia, para a Syria (...).

Neste caso, além da incontornável referência ao deus egípcio da morte e dos mortos Osíris, verifica-se já um conhecimento mais detalhado, de graduação mais elevada, sobre a vida intelectual egípcia e a sua concepção de vida eterna, sobre a centralidade da morte e dos ritos a ela associados, como a mumificação, com todas as suas operações «técnicas», bem como sobre os seus elementos definidores (duplo, múmia, *djed*, *ka*), embora sem uma nítida separação ou caracterização.

Seguramente que estes elementos eram conhecidos e bem percebidos, na totalidade, por um médico anatomista, mas é significativo perceber que a sua consideração por eles resulta de uma problematização maior, quiçá inquietação, de ordem filosófica, sobre a morte. Mais do que ao médico, é ao intelectual de apurado sentido estético que interessa este questionamento e esta descrição. A estética egípcia da morte é recepcionada por Abel Salazar como um «grau superior», até «belo», mais elevado naturalmente do que a mera miséria da putrefacção corporal («do hediondo fazer numa obra d'arte»).

Tendo presente o que já se mencionou na primeira parte deste texto, designadamente sobre a feição artística, teórica e prática, a que Abel Salazar concedeu muita da sua reflexão e trabalho, bem como a referência estético-artístico acima mencionada, que associa à própria morte (Pasta: 05381.020), não surpreende que se encontrem também escritos seus sobre a arte do antigo Egipto.

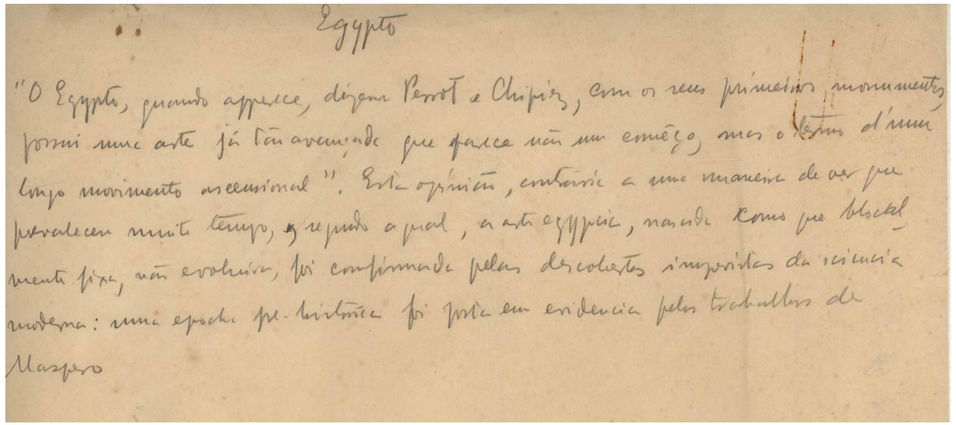
Em meia página, sob o título «Egypto» (Pasta: 05381.02945), registando um pensamento, uma reflexão, escreve:

> O Egypto, quando apparece, dizem Perrot e Chipiez, com os seus primeiros monumentos, possui uma arte já tão avançada que parece não um começo, mas o termo d'um longo movimento ascencional». Esta opinião, contrária a uma maneira de ver que prevaleceu muito tempo, segundo a qual, a arte egypcia, nascida como que local?mente fixa, não evoluíra, foi confirmada pelas descobertas imprevistas da ciência moderna: uma epocha pre-histórica foi posta em evidência pelos trabalhos de Maspero (fig. 5).

Não surpreende que um artista/ um crítico de arte escreva sobre a arte do antigo Egipto. O que nos parece surpreendente, neste contexto, é a recepção informada que dela faz. Recorre a eruditos autores franceses que cita: ao arqueólogo e classicista George Perrot (1832-1914), ao arquitecto, egiptólogo e iranólogo, muito interessado na arquitectura das culturas antigas, Charles Chipiez (1835-1901), e ao egiptólogo Gaston Maspero (1846-1916). Os dois primeiros publicaram várias obras em conjunto, sendo talvez a mais conhecida a de 1883, *A history of art in ancient Egypt* (2 volumes), a que muito provavelmente Abel Salazar acedeu de alguma forma. A sua estadia em Paris em 1934 pode justificar eventualmente alguns contactos «mais directos» e proveitosos com estes materiais, embora este documento seja apresentado no seu espólio sem data («s.d.»).

O tema de um outro manuscrito de 7 páginas, também já por nós identificado, continua a ser a arte (Pasta: 05410.032 - «A arte

45 http://casacomum.org/cc/visualizador?pasta=05381.029.


Egypto

"O Egypto, quando apparece, dizem Perrot e Chipiez, com os seus primeiros monumentos, possui uma arte já tão avançada que parece não um começo, mas o termo d'um longo movimento ascencional". Esta opinião, contraria a uma maneira de ver que prevaleceu muito tempo, segundo a qual, a arte egypcia, nascida como que local?mente fixa, não evoluíra, foi confirmada pelas descobertas imprevistas da sciencia moderna: uma epocha pre-histórica foi posta em evidencia pelos trabalhos de Maspero

Figura 5. Pasta: 05381.029 - Manuscrito de Abel Salazar sobre «Egypto» (Arte).
© FMSMB / Arquivo Abel Salazar/CMAS

no Egipto»[46]) onde, entre frases como: «No Egypto (...) vemos a arte abdicar do seu ideal e da sua liberdade, fundindo-se com a religião. Esta abdicação e esa fusão é apenas apparente e sobre a fusão asfixiante ela mantém a sua independência, porque a afloriu em liberdade logo que as circunstâncias lho permitem», volta a citar vários estudiosos de finais do século XIX/ início do séc. XX: de novo Perrot e Chipiez, mas também Nestor l'Hôte (1831-1905), Jean-Jacques de Morgan (1857-1924), Flinders Petrie (1853-1942), James Edward Quibell (1867-1935) e Ludwig Borchardt (1863-1938), todos, no fundo, seus contemporâneos.

Não deixa de ser extraordinário e digno de registo as alusões de Abel Salazar a estes grandes autores da sua época, sobretudo tendo em mente que não era nem egiptólogo, nem historiador, nem arqueólogo. Nos seus estudos sobre a arte do antigo Egipto, que parecem enquadrar-se numa busca mais ampla pelo entendimento da história da arte, principalmente nas suas relações com a religião, Abel Salazar oferece-nos uma perspectiva que, embora baseada em factos e num acompanhamento cuidadoso das descobertas arqueológicas, é posicionada de forma a ir ao encontro das suas perspectivas pessoais[47]. Sendo um homem que analisa e problematiza a realidade contemporânea e a realidade histórica, Abel Salazar põe o Antigo Egipto ao serviço dos seus próprios ideais. Neste caso em concreto, usa-o para analisar e demonstrar a sua visão sobre a relação/ dicotomia entre arte e religião,

46 http://casacomum.org/cc/visualizador?pasta=05410.032.

47 Assinale-se a existência no espólio de manuscritos de Abel Salazar de um conjunto de três documentos dedicados a «Religião – Egypto» (Pastas: 05407.021 -http://casacomum.org/cc/visualizador?pasta=05407.021 -, 05407.022 - http://casacomum.org/cc/visualizador?pasta=05407.022 - e 05407.023 -http://casacomum.org/cc/visualizador?pasta=05407.023), com 19, 77 e 18 páginas, respectivamente, onde faz uma digressão pela história religiosa e mitológica egípcia, falando dos grandes deuses do panteão egípcio e das suas relações.

desde a sua origem[48]. Aliás, esta lógica volta a verificar-se noutros textos, como veremos a seguir, sobre outras áreas/ temáticas que também o interessavam, como sejam os estudos sociais e a história política.

Entre os materiais manuscritos disponibilizados pela Casa-Museu Abel Salazar, há um texto de 20 páginas, incompleto, incluído no separador intitulado «Curso de Política Cultural», sem data (Pasta: 05378.06149). Como o próprio Abel Salazar menciona, esse texto, intitulado «Marx, Mazdek, Osiris», destina-se a tratar a «mecanica das Revoluções sociais».

O texto começa com uma introdução à problemática dos movimentos revolucionários ao longo da História, citando Abel Salazar vários autores franceses que se haviam debruçado sobre eles. São assim mencionados, nos seus traços essenciais, os contributos e as visões de Josef de Maistre, Louis Gabriel Ambroise de Bonald, Charles Nodier, Edgar Quinet e Alphonse Aulard. Fá-lo referindo sempre apenas aos últimos nomes de cada um, parecendo querer revelar, dessa forma, uma enorme intimidade e proximidade com esses teóricos, o mesmo é dizer um conhecimento feito da leitura das suas obras, como se de um verdadeiro profissional da Sociologia Política ou da História se tratasse. De seguida, metodologicamente, advoga que:

> entre as construções sociais, algumas ha, (...) que, pelas suas circunstancias, não permitem tirar conclusões, não há experiencias completas, enquanto outras, como o Osirismo, realizam uma experiencia perfeita. Por essa razão, podemos neste esquisso pôr de lado tudo aquilo que não tem um valor definitivo, assim como aquelas revoluções sociais que menos conhecidas, historicamente, não podem ter igual valor elucidativo.

Desde logo, percebe-se que, na sua interpretação, o «Osirismo»/ a «Revolução Osiriaca», se integra nas ditas «experiências completas».

Assim se compreende logo a sua arrumação conceptual dos movimentos revolucionários que Abel Salazar estabelece:

> para servir de base ao estudo da mecanica das Revoluções sociais, devemos escolher de preferência, as experiências completas[50], isto é, aquellas que desenrolam no tempo, com principio, meio e fim, a orbita total, com os seus antecedentes e os seus consequentes. Nestas circunstancias apresentam-se em primeira linha: a Revolução Osiriaca, a Revolução Francesa e a Revolução Russa. A seguir a estas podemos considerar como experiências incompletas ou abortadas[51], alem das da antiguidade, as da Idade Media, com a revolução hussita na Bohemia, as Jacqueries de França e d'Inglaterra, e os movimentos comunistas de Münger, e dos Anabatistas de Munster, etc. (...).

Ao eleger como grandes Revoluções da Humanidade, explicitamente, as três revoluções referidas, todos os outros movimentos sociais ao longo da História são considerados «experiências incompletas ou abortadas» e, dessa forma, descartados das suas considerações analíticas.

Para explicar a «Revolução Osiriaca», Abel Salazar inclui no seu texto numerosos elementos históricos que, em citações esparsas do seu texto, podemos apreciar e, através delas, avaliar a forma como equaciona os conhecimentos recolhidos:

48 É interessante, todavia, referir que não obstante estes manuscritos de Abel Salazar sobre a arte do Egipto, no livro que publica em 1940 (Que é a arte?) não há qualquer referência ou análise à arte do Egipto antigo.

49 http://casacomum.org/cc/visualizador?pasta=05378.061.

50 «Experiências completas», sublinhado no original.

51 «Experiência incompletas ou abortadas», sublinhado no original.

> A nação egípcia formou-se pela reunião do Alto e Baixo Egipto, os quais, por seu turno, proveem da reunião dos clans. Esta formação compreende assim uma serie de syntheses políticas graduais e progressivas, que vão transformando o agregado n'uma unidade social e política;
>
> Esta estrutura social político-religiosa seguiu o seu desenvolvimento automático, a partir das suas bases primitivas, e conduziu ao faraonato d'origem divina, à autocracia, e à teologia clerocratica. O Faraonato divino e a clerocracia d'Heliopolis têm por base e origem as primitivas concepções colectivas que geminavam no Egipto proto-histórico mas que uma vez organizadas num sentido politico, social e religioso, não podiam senão desenvolver-se em sistema convencional para dar unidade à nação;
>
> De tal systema resultava uma orientação espiritual e moral férrea e sem flexibilidade. Sob o Egipto foi pesando este duplo systema político-religioso, o faraonato divino apoiado na clerocracia d'Heliópolis, sob o qual não era já possível uma movimentação d'ideias, de conceitos, e de sentimentos na grande massa collectiva. No entanto a vida interior desta massa foi seguindo o seu fluxo; este corria sob a armadura exterior da sociedade; mas enquanto esta, attingia o seu ponto definitivo se petrificou, o fluxo profundo das ideias, dos conceitos e dos sentimentos foi transformando-se, evoluindo constantemente;
>
> o systema político-social do faraonato, representava, em suma, a petrificação de ideas e sentimentos antigos evoluídos;
>
> Se considerarmos o fluxo da vida egípcia desde os tempos proto-históricos até ao fim do Império Antigo, nós assistiremos a uma massa de ideas e de sentimentos que evoluem constantemente; a partir d'um certo momento, estas ideas organizaram-se em systema social político-religioso, que passa a ter uma vida exterior, independente, que se organiza e define, independente do fluxo fundamental. Desde Menés, encontramo-nos em face de duas linhas divergentes: uma que representa a vida espiritual e mural, a vida interior do Egyto, o seu fluxo profundo; outra que representa a Sua vida exterior, social, organizada, concretizada em fórmulas, em ritos, em leis, em costumes e em convenções;
>
> Ao mesmo tempo o desenvolvimento mecanico da organica social exterior, accentuando e hippertrofiando as divisões de classes, de profissões, de fortuna, accentuando as desigualdades de fortuna, oppondo brutalmente a riqueza à miséria, e acumulando os «imakhou» (privilegios de nobreza), agravava o divorcio entre a vida interior e a organica social do Egyto.

É inegável que o nosso médico pesquisara e apreendera noções muito substantivas sobre o modo de organização político-institucional-social dos antigos Egípcios, embora nada nos revele sobre as suas fontes, obviamente compulsadas para esta sua «reconstituição do passado faraónico». Na continuidade do texto, porém, essa informação acaba por surgir, quase em catadupa, sendo objectivamente surpreendente pela sua abrangência, qualidade e detalhe:

> Nos documentos e textos do ultimo periodo do Antigo Imperio, nós vemos todas estas forças historicas entrar em conflito, em tensão: e esta tensão é a consequencia historica logica de todo o longo desenvolvimento que da epocha dos clans e dos totems, nos conduz, atravéz das chamadas dynastias divinas até ao periodo historico, e depois até ao fim do Imperio Medio. «Do rei servidor d'Horus ao rei identificado com Rá, diz Moret, o caminho percorrido é imenso. Faraó, embora[52] permanecendo Horus, destaca-se lentamente do Falcão, para se fundir ao Sol, rei do mundo;
>
> As publicações de Gardiner, as traduções de Erman, os Papyrus 1116, traduzido por Gardiner, e o Papyrus 1116B, de Petersburgo, os trabalhos de W. Max Muller, e outros

52 O termo «embora» surge circulado no manuscrito.

> sobre a litteratura do velho Egito revelam textos d'um singular interesse. Destes textos já citamos na primeira parte deste estudo alguns exemplos typicos: «Meditações d'um padre d'Heliopolis, Dialogo d'um Egipcio com o seu Espirito; Advertências d'um filosofo, etc.[53].

Assim, de supetão, entram em cena Alexandre Moret (1868-1938), Alan Gardiner (1879-1963), Adolf Erman (1854 -1937) e Max Muler (1823-1900), egiptólogos e orientalistas franceses, ingleses e alemães. Em alguns casos, como as menções a Erman e Max Muller, são acompanhadas de chamadas numeradas no texto para notas de rodapé pelo próprio Abel Salazar: «(1) Erman, Die Literatur der Ægypter; (2) Max Muller, Die Liebes poesie der Alten Ægypter». Notável preocupação de erudição e de rigor, como se de um egiptólogo se tratasse.

Assinalável é também, embora necessariamente por entreposta pessoa (= o Autor consultado), a referência às fontes primárias, isto é, os textos egípcios, suporte para as análises e conclusões da historiografia: são assim arrolados *Meditações d'um padre d'Heliopolis, Diologo d'um Egípio com o seu Espirito; Advertências d'um filosofo*, e, mais à frente, noutras passagens do texto, os «*Ensinamentos» de Merikarâ (Papyrus 1116A de Petersburgo, trad. de Gardiner)*» e as «*Sentenças» de Neferrhou*.

Não faremos aqui a análise crítica destes textos mencionados por Abel Salazar, mas queremos sinalizar apenas que ele convoca passagens dos textos antigos egípcios, traduzidos pelos autores que compulsou, como argumentos para a sua conceptualização da «perfeita e completa experiência da revolução osiríaca»:

Nos «Ensinamentos»[54] de Merikarâ (Papyrus 1116A de Petersburgo, trad. de Gardiner) são já sensíveis os preliminares da Revolução; nelle se encontram frases como estas: «Elle (o homem) cria dois partidos nas gerações novas.... O sacerdote está ligado à terra como por um jugo, e trabalha como uma équipe de trabalhadores». E nas «Sentenças»[55] de Neferrhou encontram-se frases deste género: «O que jamais aconteceu, acontece agora... Ri-me com um riso doentio..... O odio reina entre as pessoas da cidade... A palavra dos outros é como o fogo, e já ninguém supporta o que uma boca exprime.... Mostro-te este paíz na miseria e no desespero....(...). O canto melancólico do tumulo d'Antef releva a descrença mais completa, ou a duvida perturbadora: «Ninguém voltou do além que pudesse dizer-nos o que ahi existe, do que precisam, para tranquillizar os nossos corações até ao momento em que formos, tambem, para onde elles se foram.. E termina desta forma desencantada: «Vêde, faze um dia feliz! Não estejas com cuidados! Vêde, ninguém leve consigo seus bens; vêde, ninguém volta, dos que partiram!![56].

Só a leitura atenta destes testemunhos do passado egípcio e a sua selecção nas obras historiográficas estrangeiras que os traduziram e comentaram permitiu a Abel Salazar recepcionar e trabalhar esta dimensão social da história egípcia e, dessa forma, compará-la e valorá-la em relação a outros episódios «revolucionários» da História. Daí que encontremos no texto «conclusões comparativas»:

> Porque se o negativismo e a desilusão são caracteristicas destas epochas, um idealismo humanitario externo, uma ruptura social coexiste com este negativismo; no Egito d'outr'ora, como na Russia moderna, estas duas manifestações opostas e constrasctivas confundem-se por vezes no mesmo individuo.

53 Sublinhado no original.
54 Sublinhado no original.
55 Sublinhado no original.
56 Sublinhado no original.

Esta reapropriação dos elementos históricos e sociais do antigo Egipto e a sua concatenação com outros elementos de outras épocas históricas é, podemos dizer assim, um dos temas favoritos de Abel Salazar. Ele regressa ao tema com outro texto manuscritos (com 72 páginas), onde volta a expressar as suas opiniões e reflexões político-sociais, embora sob um título ligeiramente diferente: «Marxismo, Mazdekismo e Osirismo» (Pasta: 05386.00657; fig. 6).

A abordagem que faz do Mazdekismo – designação tomada de Mazdek (? - 524 ou 528), figura histórica controversa que viveu no Império Sassânida durante os séculos V e VI – é feita sob a óptica de que esta figura foi um reformador social e um dos primeiros ou o primeiro socialista da história, de base metafísica-teosófica. Abel Salazar trata a problemática com as correlatas ideias democráticas e humanistas que lhe associa:

> Mazdek pregava então uma doutrina puramente socialista, cujos princípios eram a comunidade de bens, a abolição de todos os privilégios, e a interdicção de matar qualquer ser vivo destinado à alimentação; (...) o socialismo radical de Mazdek, o Karl Marx da velha Pérsia; O Mazdekismo, precede em 2400 anos as theorias de Marx; Por muito interesse que tenha o Mazdekismo, a Revolução Social Osíriaca tem uma importância histórica incomparavelmente superior. Della nos occuparemos a seguir.

Para Abel Salazar, a Revolução Social Osiríaca ocorreu com os primeiros faraós do Império Médio e com a suposta difusão de ideias democráticas na sociedade egípcia. Essa democratização quebrava com a monarquia autoritária do Império Antigo, em que cabia apenas ao Faraó toda a autoridade material e espiritual, não dispondo as restantes camadas sociais de estatuto, direitos políticos ou religiosos («direitos religiosos e direitos politicos, não existem senão para a gens realenga») – numa visão histórica muito apoiada, sobretudo, nos trabalhos Alexandre Moret, que cita, embora também aluda a Auguste Mariette, a Adolf Erman, a Max Muller e a Alan Gardiner, por vezes com a indicação do título bibliográfico em causa e do ano de publicação.

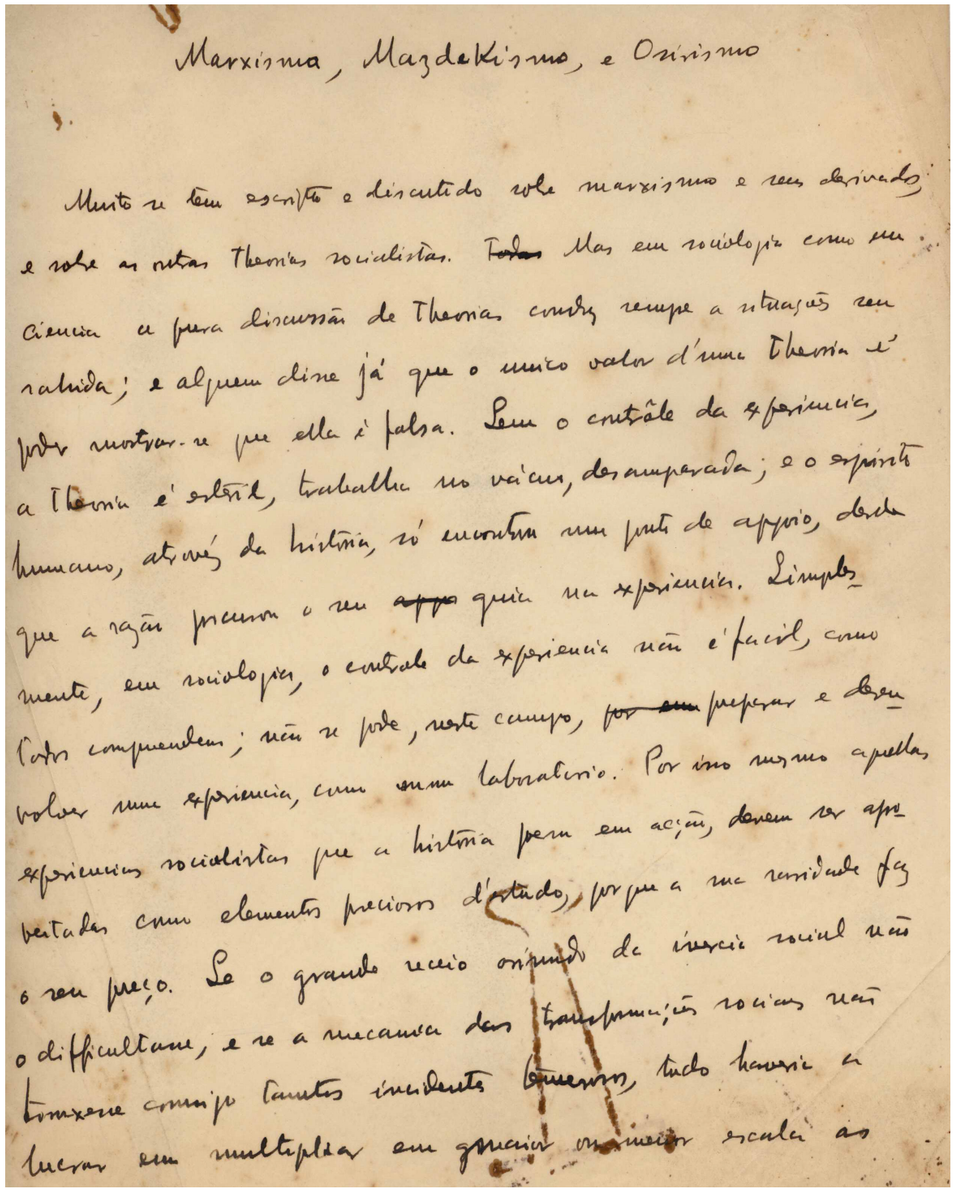
O Império Médio serve, pois, de marco de delimitação do passado egípcio para um novo momento da história da Humanidade:

> A osirificação tinha, neste momento historico a mesma fundamental importância que a equalização económica tem hoje no problema social; precisamos de compreender que para o Egipcio, o Além era tudo, a vida terrena era nada. O mundo terreno era para elle um «hotel de passagem»; d'ahi o facto do comunismo osíriaco, ter, nesse momento historico, e como ideal social, muito maior importância do que o comunismo economico. Esta é a differença fundamental, sob o ponto de vista historico, existente entre marxismo e comunismo; porem, abstrahindo das differenças determinadas pelo momento historico, a 4000 anos de distância, o comunismo actual e o osirismo apresentam uma grande semelhança.

Para o democrata Abel Salazar, o Império Médio egípcio foi um momento de singular afirmação da vida social, de um novo estado de coisas, que ele apelida de «comunismo divino» ou «socialismo de Estado», tendo a sua expressão máxima no acesso de camadas sociais cada vez mais vastas à esperança de vida imortal no Além (o que ele chama de «osirismo»). Com 4000 anos de espaçamento, Abel Salazar tenta estabelecer semelhanças entre o comunismo dos seus dias e o osirismo do Império Médio («um dos factos capitais da história sob o ponto de vista social»).

O extenso texto é uma demonstração, página a página, das leituras do Autor português, sobretudo da bibliografia egiptológica especializada francesa, revendo os vários

57 http://casacomum.org/cc/visualizador?pasta=05386.006


Marxismo, Mazdekismo e Osirismo

Muito se tem escripto e discutido sobe marxismo e seus derivados e sobe as outras Theorias socialistas. ~~Todas~~ Mas em sociologia como em ciencia a pura discussão de Theorias conduz sempre a situações sem saida; e alguem disse já que o unico valor d'uma Theoria é poder mostrar-se que ella é falsa. Sem o controle da experiencia a Theoria é esteril, trabalha no vacuo, desamparada; e o espirito humano, através da historia, só encontra um ponto de appoio, desde que a razão procura o seu ~~appo~~ guia na experiencia. Simplesmente, em sociologia, o controle da experiencia não é facil, como todos comprendem; não se pode, neste campo, ~~por em~~ preparar e dispor uma experiencia, como num laboratorio. Por isso mesmo aquellas experiencias socialistas que a historia poem em acção, devem ser aproveitadas como elementos preciosos d'estudo, porque a sua verdade faz o seu preço. Se o grande receio originado da inercia social não o difficultasse, e se a mecanica das transformações sociaes não tivesse comsigo tantos incidentes ~~funestos~~, tudo haveria a lucrar em multiplicar em grande escala as

Figura 6. Página do manuscrito da Pasta: Pasta: 05386.006 «Marxismo, Mazdekismo e Osirismo».
© FMSMB / Arquivo Abel Salazar/CMAS

períodos da história egípcia, referindo as suas várias dinastias e faraós, como nestas simples passagens se constata:

> Entre 2360 a. C. e 2000 a. C., isto é, entre a VIII dynastia e o começo da XII criaram-se as condições favoráveis a uma revolução social. Depois do reinado de Pepi II, o poder real cahe na anarchia. As ambições do clero e da nobreza, expandem-se em face do Faraó, geraram este estado de coisas.; As IX e X dynastia (2360 a 2160 a.C.) estabelecem a transição entre o Antigo e o Médio Império Thebano. Nesta ocasião o Egito é um chaos politico; de norte a sul, tudo está nas mãos dos monarcas, princípes feudais. O Delta cahiu nas mãos dos Lybios e Asiáticos, e Thebas e Siout disputam entre si a corôa.; Em 2160 os Hérakléopolitanos e os princípes de Siout são vencidos pelos Antef de Thebas. Estes Antef conseguem estabelecer um pouco d'ordem, mas tudo cahe de novo no chaos.

Como fizera no outro texto, Abel Salazar forra(?)as suas observações nos autores consultados/ lidos e nos textos antigos egípcios que, seguramente, o impressionaram pelas suas narrativas. Recorre aos *Ensinamentos de Merikaré* (*Papiro 1116A* de S. Petersburgo), ao *Diálogo d'um Egípcio com o seu Espírito (Diálogo de um desesperado com o seu ba - Papiro Berlim 3024)*, às *Admonições de Ipuver, ao Cântico do Harpista, ao Papiro de Turim, à Tabela de Abidos* e a extractos de Maneton. Todo o manuscrito está polvilhado de citações (por si traduzidas para português, realce-se) desses textos antigos consultados nos Autores estrangeiros que lia. Da leitura do seu texto percebe-se que, a determinada altura, se deixa embalar pela tradução quase exaustiva dos textos antigos, nem sempre se percebendo bem qual o seu verdadeiro contributo para as suas teses. Extraordinária e rara dimensão de interesse, de pesquisa e de capacidade de organização e de recepção do passado egípcio pelo intelectual português, não-egiptólogo.

Em passagens de maior síntese, capta-se, por fim, o ponto de vista do Autor. Algumas delas são muito interessantes ao deixarem vir ao de cima os traços políticos e de visão social de Abel Salazar, se quisermos o autêntico *leitmotiv* dos elementos que capta, reutiliza e reinterpreta. Exemplificamos com três significativas citações:

> A Revolução Osíriaca cortou a meio a longa história do Egito, por tal forma que o Egipto que se lhe segue, não é o Egito que o antecede. Apparentemente, as coisas são as mesmas; uma autocracia faraónica, uma sociedade completamente appoiada na cultura religiosa, com as mesmas fundamentais idêas, características do povo Egicio. Os grandes feitos históricos do Império Thebano, o explendor historico dos Aménofis, e dos Ramsés, as grandes construcções de templos gigantes, como Karnak; a hegemonia de Thebas, a maior metrópole oriental, e o crescente poderio e influência do Egito, que, uma vez expulsos os Pastores, entrou no período aureo da sua história; o facto, enfim, de que o Egito vulgarmente conhecido é o Egito historico do período thebano, o império faraónico de Ramsés, obscurece a princípio a compreensão deste fenómeno capital: a transformação do Egito como consequência da Revolução Osíriaca. O explendor histórico deste período, a fascinação exercida nos povos pela sua singular civilização, pela sua arquitectura, pelo conceito collectivo da sua vida histórica, obscurecem e occultam a funda e radical transformação social sofrida, como a vegetação [**] occulta o gigante vegetal nos trópicos;
>
> A Revolução Osíriaca tem isto de singular, a saber; de caracter democratico, sob o ponto de vista terrêno, ella é, comunista, sob o ponto de vista osíriaco. O comunismo osíriaco não se extendeu totalmente ao corpo social terreno, o que muito bem se explica pela mecânica social das revoluções, por um lado, pela estructura das crenças egicias populares, por outro, e ainda, pelo ambiente geral deste longínquo momento histórico. Porem, mesmo sob o ponto de vista politico e social a transformação operada no Egito pela Revolução Osíriaca é muito mais radical e profunda do que a Revolução Francêza: o

> salto dado foi muito maior, e o contraste entre as duas sociedades muito mais accentuado.
>
> A differença histórica entre comunismo osíriaco e comunismo marxista é estabelecida por toda a translação effectuada pelo pensamento humano desde a epocha egicia até à actual. Se fizermos, pela imaginação, o retrocesso desta translação, acharnos-hemos então na situação precisa para bem interpretarmos este facto capital: a admissão da plebe aos direitos religiosos.

A parte final deste extenso texto da Pasta 05386.006 é dedicado ao «Socialismo d'Estado resultante da revolução osíriaca»[58], em que, ao serviço do novo subtítulo de análise, recorre aos mesmos processos anteriormente utilizados: citar os trabalhos historiográficos pesquisados e os textos originais egípcios traduzidos para, dessa forma, ilustrar as suas ideias. Neste sentido, refere os «papyrus descobertos por Fl. Petrie em Kahoun el Gounah, nas pequenas cidades do Egito Médio, dão-nos os archivos de familias plebeias do tempo da XII e XVIII dynastia.», considerando que «Nelles se verifica uma transformação radical da sociedade. Já se não falla em privilégios, em cartas d'irmandades. Já se não falla em domínio real: toda a «terra negra» pretence ao rei. Os direitos e deveres do cidadão estão definidos, e qualquer pode desempenhar um papel no Estado.»

Abel Salazar chama também à colação o texto «Conto do Aldeão» (*Conto do Camponês Eloquente*) para demonstrar a importância social entretanto adquirida pelos camponeses egípcios: «Ao mesmo tempo que à plebe são outorgados os direitos religiosos e sociaes, e o acesso às funções publicas, a família plebéa é admittida no uso de contractos com o visto do Estado, para as vendas, compras, uso de terras, etc.». Uma vez mais, a reutilização da informação histórica disponível por parte de Abel Salazar é feita em alinhamento com a sua ideologia e concepção socio-política.

As suas conclusões emergem assim, simples e quase irrefutáveis, segundo o seu ponto de vista:

> Pelo que acaba de ler-se, vê-se que o Osirismo é um dos factos capitaes da história sob o ponto de vista social. Elle tem uma importância theorica e pratica que não necessita de ser posta em relevo. Seria do maior interesse ver como, d'oravante, a história do Egito se desenvolve, em grande parte, em função do Osirismo; se puzermos de lado, ou no seu verdadeiro lugar, as influencias internacionaes, a questão dos mercenarios e do clericalismo, a acção da Revolução Osiriaca apparece como um factor capital na história subsequente. Seria egualmente interessante por o conjuncto desta evolução, e sob este mesmo ponto de vista, em parallelo com a evolução da europa a partir da Revolução Franceza e destes parallelos tirar as conclusões legítimas.

Daí à generalização, mesmo que anacrónica e forçada, é um passo, onde os ideais do internacionalismo dos finais do século XIX ainda ecoam:

> (...) as convulsões sociaes do typo da Egicia ou da Revolução Francesza despertando por um lado as energias fundamentais do país, e por outro pondo-as no centro d'uma situação internacional hostil, conduz sempre ao imperialismo, ou ao aniquilamento. Isto leva-nos a concluir que nenhuma revolução social poderá ser completa quando limitada a um povo; ella ou será internacional, ou dará origem a um imperialismo.

Sempre engajado com a sua visão da História, do Homem e da Sociedade, Abel Salazar não hesita em escrever, justificando, enfim, a sua proposta reflexiva que desenvolveu em todo o seu texto manuscrito:

> A história traça assim, como a alavanca num cylindro, a linha de fenómenos; ora é só pela comparação destas curvas que se pode chegar a alguma conclusão, com a segurança relativa, e as limitações que as circunstâncias impoem. Assim, neste caso, teremos de comparar a revolução Mazdekista e Osíriaca com as religiosas; O homem é a condição de todo o fenomeno social, como de todo o fenomeno intellectual; e assim, as forças históricas que se manifestam objectivamente tem de ser conjugadas com as subjectivas. Há na história, certamente uma mechanica a estudar, a definir, e a resumir em movimentos; esta mechanica contem a lei social, e o determinismo das revoluções, como de todos os outros movimentos. Mas esta mechanica exprime os resultados d'uma força que actua sobre um objecto, seu ponto d'appoio.

Talvez pelo seu gosto pelo exercício de história comparada, Abel Salazar publicou, em 1938, quatro ensaios sobre o mesmo tema «Mazdekismo e Osirismo – Paralelos Históricos», na revista brasileira, editada no Rio de Janeiro, *Esfera. Revista de Letras, Artes e Cências* (nº 5, Setembro de 1938, pp. 53-55; nº6, Outubro de 1938, pp. 48-52; nº 7, Novembro de 1938, pp. 48-50; nº 8, Dezembro de 1938, pp. 48-50).

Terminamos esta apresentação de algumas das fontes disponíveis para a investigação em torno de Abel Salazar e da recepção do Egipto antigo na sua obra com um outro invulgar texto de sua Autoria: o seu próprio Hino a Aton, escrito em francês, revelando, portanto, o seu conhecimento da existência de mais esta divindade egípcia, do faraó Akhenaton e das suas marcas na história cultural e mental do Egipto antigo: «Salut à toi, Soleil! / Toi qui dores? la mousse sur le granit et de sourise de la jeune fille, / Toi qui fais bleuir le [**], Salut! / Tu n'est que de l'Énergie; mais de l'Énergie qui se fait lumiére dans ma Conscience: et je te dirai comme le Vieux Pharaon, / Ykon-n-Aton!» (fig. 7).

O poema do pensador português é um exemplo puro, espontâneo, quase automático, de inegável inspiração solar-amarniano e de egiptomania – notável, original e inesperado, nesta acepção.

Conclusão

Abel Salazar foi uma das figuras mais extraordinárias do século XX em Portugal. O exemplo da sua singularidade e vanguardismo na cultura e sociedade da primeira metade do século XX português, aliados a um percurso pessoal, académico e profissional e uma personalidade complexa e multifacetada, mas a todos os títulos brilhante e genial, levaram a que, em consequência, tenha já sido apelidado de «Leonardo Da Vinci português»[59] e de «figura da Renascença»[60].

Considerando a fase inicial da recolha e análise da documentação disponível, sabemos que ainda há muito para explorar sobre a forma como o Autor recepcionou, analisou e re-trabalhou o antigo Egipto. No entanto, como procurámos demonstrar, sobretudo na segunda parte deste texto, identificam-se, desde já, dois níveis de recepção do passado faraónico em Abel Salazar: um mais básico e superficial: um fascínio assumido por esta civilização antiga, que lhe serve de inspiração para diversas finalidades – inspiração para pseudónimos, para títulos de potenciais revistas, para poemas solares totalmente originais; outro mais conceptual e profundo, em que, documentando-se de forma válida e cientificamente comprovada, usa, adapta e reconfigura elementos da civilização do antigo Egipto na construção das suas análises e perspectivas sobre diferentes questões, tais como a morte, a arte, a religião, mas principalmente a análise social e política. É particularmente significativa a sua opção de arrumação das revoluções humanas, com

58 http://casacomum.org/cc/visualizador?pasta=05386.006

59 É assim que o médico Henrique Almeida, já falecido, aluno de Abel Salazar na cadeira de Histologia lhe chamou (Memórias ao Léu) e escreveu no seu livro.

60 Designação usada por Mário Soares em Abel Salazar – O Desenhador Compulsivo (2006, CCB, Lisboa).

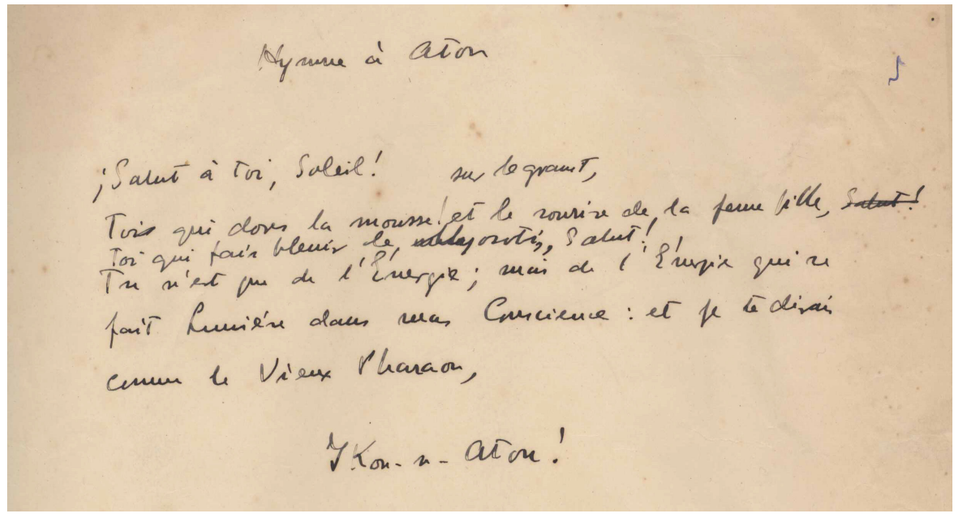


Figura 7. Pasta: 05381.033 – O «Hymne à Aton», de Abel Salazar.
© FMSMB / Arquivo Abel Salazar/CMAS

a 'Revolução Osiriaca' (ou Osirismo, como lhe chama) a ser profundamente analisada e comparada com outras revoluções socialistas da História.

Em Abel Salazar, o antigo Egipto surge, assim, não apenas a partir da bibliografia que leu e analisou, mas principalmente da leitura que faz da realidade contemporânea segundo os seus ideais e preocupações.

Referências bibliográficas

Alves, Manuel Valente
2010 *Transparência - Abel Salazar e o Seu Tempo, um Olhar*. Porto.

Coimbra, António
2006 *Abel Salazar: 96 cartas a Celestino da Costa*. Porto.

Cunha, Norberto
1954 "Ciência, Conhecimento e Sociedade em Abel Salazar", *Revista Portuguesa de Filosofiia* 39 / 4: 337–524.
1990a *Abel Salazar: nota biográfica e bibliográfica*. Braga.
1990b *O Ser e o Haver das Polémicas de Abel Salazar*. Braga. Acessível em https://revistas.uminho.pt/index.php/forum/article/view/4364/4677
1997 *Génese e Evolução do Ideário de Abel Salazar*. Lisboa.

Fernandes, Maria Luísa Garcia (Org.)
1998 *Abel Salazar – Retrato em Movimento*. Porto

Grande, Nuno Rodrigues; Fernandes, Maria Luisa Garcia
2002 Abel Salazar e a divulgação do saber, *Actas do Congresso Internacional Pensadores Portuenses Contemporâneos. 1850-1950 – Vol. III*, Lisboa: 103–109.

Malpique, Manuel da Cruz
1977 *Perfil Humanístico de Abel Salazar*. Porto.

Mendes, Jaime
2016 *Correspondência de Abílio Mendes com Abel Salazar*. Lisboa.

Milheiras, Josué
2007/2008 *Abel Salazar: Uma Perspectiva Caleidoscópica*. Tese de Mestrado em Letras – Estudos Artísticos, Culturais, Linguísticos e Literários da Universidade da Beira Interior. Covilhã.

Nunes, Alberta Miguel Gonçalves
2021 *O Feminino nas Obras de Abel Salazar no Museu do Abade de Baçal - Dissertação de Mestrado em Património Cultural*. Braga.

Príncipe, João
2022 "Salazar, Abel de Lima (Guimarães, 1889 - Lisboa, 1946)", in: Sérgio Campos Matos (Coord.): *Dicionário de Historiadores Portugueses da Academia Real das Ciências ao final do Estado Novo* - dicionário em linha, Lisboa. Acessível em https://dichp.bnportugal.gov.pt/historiadores/historiadores_abel_salazar.htm

Ribeiro, Irene
2005 "Abel Salazar - divulgação filosófica e cidadania". *Filosofia Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto* 22: 197–278, Acessível em https://ojs.letras.up.pt/index.php/filosofia/article/view/513

Salazar, Abel de Lima
1915 *Ensaio de Psicologia Filosófica – Dissertação Inaugural apresentada à Faculdade de Medicina do Pôrto*. Porto. URL: http://hdl.handle.net/10216/17103

Sales, José das Candeias; Mota, Susana
2024 *Tutankhamon em Portugal. Relatos na Imprensa Portuguesa (1922–1939). De um projecto de investigação a uma Exposição comemorativa*. Lisboa. Acessível em http://hdl.handle.net/10400.2/15805

Santos, Alfredo Ribeiro dos
1997 *Para um Novo Perfil de Abel Salazar*. Porto.

Silva, Amândio
1989a *Abel Salazar: Pinturas, desenhos, gravuras, cobres martelados: no 1º centenário do seu nascimento, 1889–1989*. Porto.
1989b *Abel Salazar – Artista*. Porto.

Silva, Artur Santos; Guimarães, Helena; Fernandes, Armando
2010 *Abel Salazar. O Médico, o Cientista, o Artista, o Cidadão*. Porto.

Teixeira, Ramiro
2005 "Breve sinopse histórico-cultural ao redor de Abel Salazar, desde a sua vida activa até à morte", *Afinidades. Revista da Casa-Museu Abel Salazar, nº 1 – II Série*: 17–32.

Valente, Carla Marisa da Silva
2014 *Literatura de viagens em terras itálicas – estudo comparativo de dois relatos.* Tese de Mestrado em Línguas, Literaturas e Culturas, Universidade de Aveiro.

Vilaça, Alberto
1998 *O MUD Juvenil em Coimbra: História e estórias*. Porto.